



RelevO

especial

EDIÇÃO II - PARANÁ - OUTUBRO DE 2014

15
anos
AEILij



Editorial

A segunda edição especial do **RelevO**–AEILIJ (Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infanto-Juvenil) que você tem em mãos é a consolidação de um imaginário que começou com um objetivo simples: recortar um tanto da produção contemporânea do segmento e oferecer um tipo de produto cultural diferenciado, sem complexidades, exceto a busca por ser bom para ler, o que, sabidamente, não é fácil.

O termo produto cultural não é equivocado no contexto. Para que consigamos persistir com uma edição voltada, sobretudo, às crianças e adolescentes, precisamos de anunciantes, de apoiadores, de colaboradores, de gente que acredite em nossas ideias e nos auxilie na realização do projeto, que não custa muito, mas precisa, para usar a expressão corrente, ser autossustentável.

E se precisávamos de saúde financeira – não que isto signifique lucrar, pois não temos este fim, não dar prejuízo já está de bom tamanho –, aqui estamos novamente, com a sensação – quase palpável – de que esta edição está muito melhor, mais encorpada e diversificada do que a primeira, que foi como abrir uma picada no meio do mato, à noite.

Estamos seguindo em frente, com nossa forma estranha e pitoresca de tentar produzir clarões. Por isso, temos muito a agradecer à infinita gama afetiva que caminha conosco.

Uma boa leitura a todos.

Errata

Na primeira edição especial RelevO-AEILIJ, de maio, um poema de Renato Ostrowski foi creditado a Priscila Prado. Nesta edição, republicamos o poema na página 12.

Expediente

Fundado em setembro de 2010.

Edição Daniel Zanella e Marilza Conceição **Editor-Assistente** Ricardo Pozzo **Revisão** Mateus Ribeirete **Ombudsman** Whisner Fraga **Projeto gráfico** Marceli Mengarda. **Impressão** Gráfica Exceuni **Tiragem** 3000. Edição finalizada em 7 de outubro de 2014.

- 03 **Arremesso de gente** Alexandre Guerra
- 04 **O juiz urubu e a rã sem chuva** Almir Correia
- 05 **Flores do céu** Célia Cris Silva
- 06 **Diferentes infâncias** Eliziane Nicolao Pacheco
- 07 **André e o monstro** Gustavo Vazquez Ramos
- 08 **Dia azul...** Raquel Macedo Mestre
- 09 **A chuva chega e Juan se vai** Maria Rosana Mestre
- 10 **Como dar aulas para as couves sem que as galinhas sintam ciúmes** Marilza Conceição
- 11 **O brinquedo perfeito** Márcia Széliga
- 12 Renato Ostrowski
- 13 **Música no coração** Nadzieja Didycz
- 14 **Esqueci nunca mais** Nara Salamunes
- 15 **Do que fala uma perna quebrada** Paulo Venturelli
- 17 **O menino de pés sem calços** Rita de Cassia M. Alcaraz
- 19 **Quero um par de asas para voar** Peter O'Sagae
- 21 Priscila Prado
- 22 **Hoje, do que você brincaria?**
- 24 **A pelada** Hardy Guedes

Arremesso de gente

Alexandre Guerra

Aquele arremesso de gente,
um trago de liberdade juvenil
um simples incomprável
contra um fundo atemporal
uma criança atemporal
a igreja – a mesma há 300 anos
assistindo crianças estar
e deixar de estar
e correm, correm, correm
mas pra onde?
Não importa
Lançar-se é missiva de si próprio



Almir Correia

O JUIZ URUBU E A RÃ SEM CHUVEIRO

– A senhora Rã Ranuária está condenada a um ano e oito meses de cadeia.

Em seguida, o Juiz Urubu bateu seu cruel martelo na mesa de jacarandá. E dois policiais Jacarés se aproximaram, levando a pobre Rã algemada até sua nova morada.

Apesar de toda a tecnologia do século XXI, as prisões ainda pareciam masmorras da Idade Média.

Ranuária era pobre e não tinha dinheiro para pagar um bom advogado.

Dizem que os papagaios eram os melhores e os mais caros.

Com lábia quase infinita, eles conseguiam absolver até um lobo em pele de cordeiro.

Aliás eram capazes de convencer o júri de que o lobo era o cordeiro e o cordeiro (falecido ou não) era certamente o lobo.

E assim “O Mundo dos Animais Inteligentes” continuava existindo com suas pequenas e grandes injustiças, fingindo amor e pedindo paz infinita para todos.

“A justiça é o mais próximo que podemos chegar da bondade.” (anônimo)

Sempre no caminho para casa, em seu carro importado de duzentos mil dólares, o Juiz Urubu vinha escutando Mozart ou Beethoven.

Em sua Mansão ele era sempre recebido com um beijo da esposa e o carinho de seus dois urubuzinhos.

– Pai, pai! Já chegou a sua nova televisão de plasma de 100 polegadas!

– Ótimo, ótimo! Depois do jantar vamos assistir Shrek 5.

Todas as noites o Juiz Urubu dormia tranquilo em seu travesseiro de penas de ganso.

Acreditava ele que a sua missão era proteger os ricos dos pobres.

Acreditava ele também que os ricos eram os melhores, os mais bem preparados e por isso deveriam ter todas as facilidades e benesses do Governo e do Judiciário.

Os pobres, no máximo, podiam reclamar... e olha lá.

“A justiça é o mais próximo que podemos chegar da dignidade.” (anônimo)

FLORES DO CÉU

Célia Cris Silva

“Olha, Bia! Tem uma coisa branca caindo do céu!”
 “É neve, seu bobo!”

Victor nunca tinha visto a neve. Não pessoalmente. Só em filmes e desenhos.

Ficou com as mãos espalmadas e gritava: “São florzinhas!” Para ele, os flocos de neve pareciam mesmo minúsculas flores cheias de pontas.

“Quem é que recorta os flocos de neve e despeja aqui pra baixo?”

A irmã ria: “Deixa de ser bobo. Floco de neve é desse jeito mesmo. Já nasce assim e pronto. Ninguém recorta.”

Victor olhava os flocos caindo na palma da mão e não acreditava. Eram perfeitos! Pareciam recortados a laser.

Ficou tão entretido que até se esqueceu do frio. Tudo era tão diferente. Que saudade sentia da praia, do sol brilhando, do calor, da outra casa, da outra cidade, do outro país. Ali era tão gelado!

Queria juntar muitos flocos de neve e fazer um buquê pra levar para a mãe, mas eles derretiam. Victor ficou amuado.

“De que adianta cair flor do céu se a gente não pode dar pra mais ninguém?”

Os olhos de Victor encheram de água. A irmã sabia que não era por causa da neve derretida, mas por causa da saudade que sentia da vida de antes, dos avós que haviam ficado na outra cidade, no país quentinho.

“É que cada floco de neve é uma flor especial. Única. Ela derrete pra poder entrar no seu coração. Viu? Olha só...”

Victor enxugou os olhos, olhou pra irmã, satisfeito, e foi correndo pra casa, contar pra mãe que agora tinha um buquê enorme de minúsculas flores derretidas dentro do coração...

LANÇAMENTOS!



O Balé da Chuva
 Texto de Marilza Conceição
 Ilustração de Alessandra Tozi

O ovo do bolo
 Texto de Marilza Conceição
 Ilustração de Mari Inês Piekas

Confira também



Festa na Cozinha
 Texto de Adélia Woellner
 Ilustração de Heliana Grudzien

A Fabulosa História de Dragão e Luana
 Texto de Maria Cristina Fukushima
 Ilustração de Mari Inês Piekas

editorainsight.com.br

insight
 EDITORA

Quando eu era criança, criava minhas casinhas embaixo de árvores no quintal ou da escada de casa. Meus brinquedos eram muitas vezes móveis ou utensílios sem uso e meus cachorros eram companheiros inseparáveis. O lanche eram as frutas ao alcance das mãos, morangos muito vermelhos e nêspers amarelas, pequenas e doces. As mimosas, bergamotas, mexericas ou como você preferir deixavam as brincadeiras mais perfumadas. As risadas e latidos se misturavam pelo quintal.

Hoje as casinhas da minha filha são minúsculos castelos de plástico, habitados por esbeltas bonecas que podem inclusive mudar seus lindos cabelos escovados por cachos em um piscar de olhos. Observo crianças que falam inglês, francês e alemão. Lutam judô, jogam futebol, dançam balé e são ótimos xadrezistas. Sem falar nos saraus de piano e violino. No entanto, acabam não descobrindo a delícia de escorregar em um barranco de terra com um pedaço de papelão, de um banho de chuva, de ver a bolinha de gude rolando na calçada, de jogar bola na rua. Da conversa na varanda, depois das brincadeiras, enquanto se sentia o cheiro do bolo de fubá ficando pronto ou das pipocas sendo preparadas.

Novas realidades nos colocam em quartos mais apertados, corredores estreitos, brinquedotecas que não deixam espaço para a criatividade. Os lanches estão cada vez mais rápidos e até os bolos já saem prontos dos pacotinhos. Tentando conciliar infâncias tão diferentes, comecei a criar histórias, com os animais de casa, com os amigos ao nosso redor, sobre os lugares que visitávamos, tentando deixar tudo mais divertido. Assim foi surgindo PEQUENICES.

Diferentes Infâncias

Eliziane Nicolao Pacheco



Eve Ferretti (detalhe)



Gustavo Vazquez Ramos

ANDRÉ E O MONSTRO

Certo dia, André encontrou um monstro que guardava um tesouro.

– Você poderia me ajudar? – perguntou o monstro. – Há séculos guardo o tesouro de um mago. Tenho feito um bom trabalho, mas estou cansado.

– Sim, é claro! Mas como?

– Conheço várias magias. Eu lançaria uma que me tornaria igual a você, e você ficaria igual a mim. Durante algumas horas você protegeria o tesouro, e eu vou brincar. Depois o feitiço irá passar e cada um retoma sua vida.

– Sempre quis saber como é ser um monstro assustador. Eu aceito!

O monstro ficou bastante feliz e lançou o seu feitiço.

– Se você quiser, pode ir na minha casa brincar com meus brinquedos – disse André, que agora estava igual ao monstro.

Horas depois o monstro voltou e desfez o feitiço.

– Foi muito divertido. Espero que você tenha gostado de proteger o tesouro.

Pelo trabalho de André, o monstro deu-lhe algumas moedas de ouro, parte do salário que recebia do mago.

André voltou para casa. Infelizmente, quando chegou ao seu quarto, teve uma triste surpresa: o monstro não havia sido cuidadoso. A maior parte de seus brinquedos estava quebrada e precisou ser jogada fora.

Mesmo assim, André preferiu não se incomodar: comprou brinquedos novos com o dinheiro que havia recebido do monstro.

Dias depois, voltou a se encontrar com o monstro.

– Gostaria de novamente trocar de lugar comigo? – o monstro perguntou.

– Sim, mas apenas se você tomar cuidado com meus brinquedos.

O monstro prometeu ser cuidadoso. Feliz como nunca, lançou outra vez seu feitiço.

Horas depois, André recebeu algumas moedas de ouro e, ao voltar para casa, viu que seus brinquedos estavam novamente quebrados. Mais uma vez foi preciso gastar as moedas para substituí-los.

– Preciso conversar com ele – decidiu.

Mas ao chegar até o local do tesouro, o monstro estava tão contente que André preferiu não reclamar.

A partir de então, muitas vezes André foi transformado em monstro, protegendo o tesouro e recebendo algumas moedas, e o monstro transformou-se em André, brincando até quebrar os brinquedos.

Um dia o salário do monstro acabou.

– Infelizmente não trocaremos mais de lugar. Sei que quebro seus brinquedos, e não tenho mais como te compensar por isso. Mas saiba que fiquei muito feliz pelos dias em que você veio aqui.

André pensou em seus brinquedos e na alegria de seu amigo monstro ao brincar com eles.

– Quando aceitei trocar de lugar contigo, não fiz isso esperando uma recompensa, embora tenha ficado feliz por recebê-la. Você me pagou enquanto pôde. Quero que continue a se divertir.

E assim continuaram trocando de lugar. André comprava brinquedos novos usando seu próprio dinheiro, mas isso não era um problema.

Nada valia mais que, no fim do dia, ver seu sorriso no rosto do monstro. •

Dia Azul...

Raquel Macedo Mestre



Márcia Széliga

Sento n'areia com meus castelos. Envolventes nuvens no céu azul. Perdidos sonhos. Mar de lembranças. Rio, fio d'água da cor do iodo, sulcando a areia corre pro mar. Molho meus pés. Odor de sal em minha pele.

Tanta gente, tudo confuso, alguns de hoje, outros de ontem...

Sou tão pequena, visto maiô vermelho, de lã, molhado. O sol me queima... Lá está mamãe, tão amada, azuis como o céu, seus olhos estão em mim. Vejo, de longe, que me sorri de uma barraca feita d'estacas, tão rústica.

É antigamente. Corro pra ela, sinto seu corpo, bebo seu cheiro, tem gosto doce de recordação.

– *Fique aí, mãe, quero amparar-me em seu abraço.*

Entro n' água e lá vem a onda...

– *Que medo, credo!*

Meu pai vem vindo, estendo as mãos, é o meu refúgio.

– *Quero ir lá pro fundão.*

Tem onda grande que cobre a gente... Mamãe não quer que eu vá sozinha.

– *Dá a mão, pai, o senhor é forte!*

No chão d'areia os pés bem firmes, papai agarra meus pulsos me erguendo alto, acima do mar, acima das ondas, perto das nuvens. Vem onda grande, água de monte, nem tenho medo. – *Cadê meu pai?* Sumiu na água. Sinto suas mãos me segurando. Lá vai a onda... Surgem seus olhos, sua boca, ali está meu pai que abaixa os braços me enlaçando. Aperto-me ao seu corpo molhado, e estalo um beijo em sua bochecha. Damos as mãos, andamos juntos. Vou dando pulos para alcançá-lo, ele segura os passos prá me esperar. Vai cantando, rouco, desentoado:

– *Filhinha linda, só do papai...*

Quero senti-los, quero revê-los. Onde estarão? Lá vem a onda... Tem gosto de sal, sabor de lágrimas e das saudades que moram em mim.

Maria Rosana Mestre

A chuva chega e Juan se vai

Na ponta do meu nariz, se pendura uma gota de suor todos os invernos. A mesma gota que briga contra o vento quando abro a janela para chamar o amigo Juan, meu vizinho. Não cai, senão evapora e volta em forma de chuva para encharcar-me o rosto. Sempre a mesma gota, as mesmas sandálias, as mesmas bermudas. O mesmo calor do verão que continua no inverno. Os ipês amarelos e floridos acompanham o mesmo grito para Juan que nem me escuta em tempos de chuva.

No verão saímos a recolher cajus para tirar as castanhas; os dois com as mesmas sandálias. Riscamos o asfalto com giz enquanto Juan me conta de seus invernos em uma cidade que tem trezentos e sessenta e cinco dias frios. Me diz que sobe os Andes com cachecol e não leva bermudas. Busca bromélias na planície e imagina os ursos-de-óculos brincando de esconde-esconde no vale.

Com a mesma cara de pau, Juan me diz que se cansa de correr no cume. E que o suor se transforma em gelo e ele se sacode como um cachorro, por isso a montanha se vê coberta de neve pelas manhãs. Em vez de colher nêspersas e mangas, ele brinca com as barbas de velho das árvores.

Eu digo para ele que meu verão é o mesmo inverno, uma sextina de meses secos e outros molhados. Que escrevo com o mesmo giz e recolho as mesmas mangas até sujar o nariz. Só que nas tardes pegajosas e fugitivas, em vez de brincar com Juan brinco com minha prima Sofia; ela observa como a chuva escorregadia apaga as palavras ao terminar o dia.

Seus filhos vão adorar!

Evento especial da Editora InVerso para o Dia das Crianças, com o lançamento dos livros:



Dia 11 de outubro, das 14 às 17 horas, no Centro de Criatividade do Parque São Lourenço.

Quer publicar seu livro?
Fale conosco:

Editora
InVerso

(41) 3254-1616
facebook.com/editorainverso

Instagram: @editorainverso
www.editorainverso.com.br

Marilza Conceição

COMO DAR AULAS PARA AS COUVES SEM QUE AS GALINHAS SINTAM CIÚMES

No quintal da casa, os alunos eram verdes. Incapazes de mudar-se da horta onde estavam plantados, permaneciam silenciosos e contemplativos. A aula de leitura de poesia acontecia sempre pela manhã, com a menina-professora, que pretendia inculcar-lhes um raciocínio com rimas. Impossível saber o que sentiam os pés de couve diante da musicalidade dos versos, pois para isso seria preciso ter habilidades mágicas. O que se percebia nas plantas, era uma devotada atenção aos raios de sol e ao vento que lhes balançava o caule.

Já as galinhas, por serem irritadiças e fugidias, dificilmente concordavam com a aproximação de quem quer que fosse que não lhes trouxesse milho. Medrosas, afastavam-se rapidamente, inventando pequenos voos cacarejantes.

– Por atitudes como essa é que talvez os poetas devessem pensar em poesia para criaturas medrosas! – disse a menina-professora.

Somente a galinha choca, na quentura do ninho, concordava em ouvir, contanto que não a aborrecessem muito. Fechava os olhos miúdos e permanecia concentrada, sem interromper a meditação. Presumiu-se que a futura mãe guardava em segredo o desejo de que se transmitisse informação e sensibilidade aos pintinhos. Talvez essa ninhada se comportasse com mais calma, sem a cacarejante necessidade de fugir das audições de poesia. Mas isso não foi comprovado.

Em dias diferentes, os adultos transformaram a rotina da casa. E tanto couves como galinhas foram para a panela. Aproveitou-se tudo: as sobras dos talos oferecidos no mercado e disputados a bicadas, sumiram depressa. Das galinhas, apanhadas para o preparo do cardápio, separaram-se as penas para a secagem ao sol. E por serem tão macias, rechearam as cobertas para aquecer as frias noites curitibanas.

A família da menina-professora regalou-se com o conforto e a marca poética daquele inverno: o sabor da canja verde fumegante e o aconchego da coberta de penas.

O BRINQUEDO PERFEITO

Márcia Széliga

*"Teve um menino que ganhou um carrinho.
O menino amava o carrinho como nunca amou nada.
Então um dia o menino desmontou o carrinho.
O menino brincava com cada pedaço do carrinho.
Cada pedaço do carrinho virou um brinquedo diferente.
Até que o menino esqueceu o carrinho que amava."*

João Novais

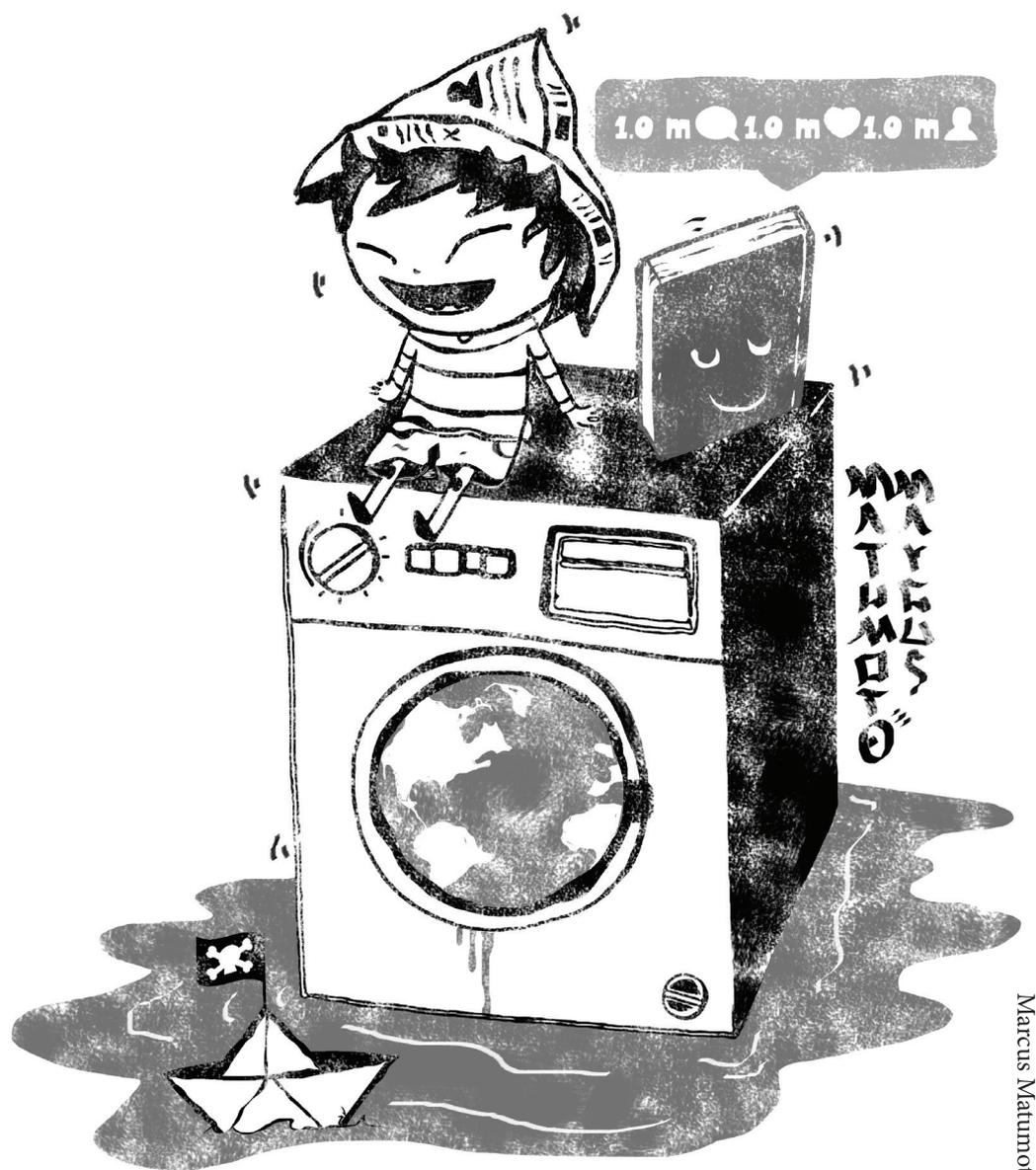
Todo menino é curioso e gosta de conhecer seu brinquedo predileto por fora, por dentro, por completo, mesmo que seja desmontado, com pedaço pra todo lado, e acabe virando sucata, ou entulho.

Todo menino sonha conquistar aquele brinquedo. Chega a jurar que o ama (pra saciar o desejo), chora, esperneia, chantageia até que enfim o ganha, para um dia acabar esquecido dentro da gaveta de meias ou debaixo da cama.

Todo menino é bem capaz de encontrar um pedaço e ainda poder lembrar que o gasto e antigo brinquedo tão querido dá até pra consertar ou em algo novo transformar.

Mas se os outros pedaços se perderam, e pro objeto desse amor não há mais solução, ainda existe na memória do menino aquela terna recordação:

Um brinquedo que foi tão amado, mesmo que aos pedaços, abandonado →



entre fantasia e desprezo,
marcou momentos felizes
e também aqueles bem tristes.
E assim que o valor não está no objeto,
mas no aprendizado e no afeto.

Um brinquedo companheiro
que ganhou vida e brilho,
por dentro e por fora conhecido,
mesmo que longe, mesmo que extinto,
do pensamento jamais vai embora.

O menino cresce.
O menino amadurece.
Desapega-se de artefatos,
agarra-se noutros fatos.
Perde coisas, transforma em outros atos.
E o Brinquedo que começou toda essa história,
permaneceu vivo, companheiro fiel na memória.

Mesmo que arreventado, mesmo que refeito,
mesmo que reciclado, mesmo que desfeito,
mesmo que aniquilado, mesmo que com defeito.
Ter sido o que foi por primeiro,
O Brinquedo, ciente e todo satisfeito,
cumpriu na vida seu grande feito (com efeito!).

Enquanto o menino mimado,
homem crescido, já criado,
continua a procurar
outro brinquedo para ser amado:
O brinquedo mais que perfeito. •

Renato Ostrowski

... sobre meus ombros
de surpresa desabados
nasceram duas pombas
 esmerilhadas de paz
do meu coração brotou
 um pé de nêspira
tão frondoso e açucarado
 que o sol veio provar
não sem antes descansar
 sobre as raízes minhas
 e para completar
 minha existência de
 árvore
a lua parou também
de gravitar e se enrodilhou
no espelho de minh'alma
para retocar a maquiagem.

do livro *Opaca Transparência*, de 2013.



Nadzieja Didycz

música no coração

Quando ouviu o grito de sua menina, Esperança subiu as escadas correndo, tanto quanto possível, diante do que seus 100 quilos permitiam. Ao abrir a porta, viu Julia sentada na cama. Olhos arregalados, boca aberta. Seus longos cachos dourados emolduravam aquele rostinho lindo, onde duas grandes esmeraldas luziam de alegria.

– O que aconteceu?!?! – ofegante e desabando no baú, aos pés da cama, a idosa mal conseguia respirar.

– Vózinha! Hoje é o grande dia! Onde está mamãe?

A grande senhora, tanto no tamanho quanto no amor, disse aliviada.

– Sua mãe saiu cedo e não disse quando voltava.

– Como, vovó? Chegou finalmente o grande dia. Aquele que venho esperando por tanto tempo. Como mamãe pode fazer isso comigo?!?!

A avó, que havia acompanhado toda a evolução de Julia e que passava horas e horas contando histórias, participando de inúmeras brincadeiras com seu pequeno tesouro de carne, a adorável neta, senta-se. Olhando bem dentro dos olhos, coloca a menina no colo e...

– Explique pra vovó o que existe de tão mágico ao fazer nove anos?

A menina, mais calma, suspira:

– Vózinha, lembra quando mamãe e papai prometeram que, quando eu fizesse nove anos poderia aprender música de verdade? Que você me ensinaria a tocar piano? Veja vovó, poderei fazer música com meus dedinhos.



Maria Carolina Pereira Jorge



esqueci nunca mais

Nara Salamunes

Em um pedaço de papel,
embrulho de pão,
em letra de forma,
escreveu meu nome,
meu pai.
Apontou cada forma,
linha ou curva.
Uma a uma, disformes,
copiei.
Leu-me em voz alta
o meu nome,
meu pai.
Olhou-me atento;
buscou reação.
Leu-me nos olhos,

meu pai.
Sussurrei meu nome;
hesitei.
Repetiu meu nome,
meu pai.
Pegou-me a mão.
Traçou comigo
uma linha suave,
quase reta,
sob meu nome.
Completo com seu nome,
o meu nome, meu pai.
Li meu nome, primeira história.
Esqueci nunca mais.

Paulo Venturelli

DO QUE FALA

UMA PERNA QUEBRADA

Valeriano é operário. Começa às 5 da manhã na fábrica de tecidos e trabalha até as 13 horas. Quando chega em casa – de bicicleta – requeenta o almoço, come rápido, fuma um cigarro e vai se ocupar com as tarefas de casa.

Hoje resolveu consertar a cerca do galinheiro. Alguns sarrafos estão apodrecidos pela chuva, outros estão caídos de velhos.

Para tanto, comprou numa marcenaria próxima duas dúzias de sarrafos. Tem certeza de que eles aguentarão um bom tempo e suas gordas galinhas vermelhas não fugirão mais. Sabe de um vizinho que já pegou uma e a levou para a panela. O salafrário!

Giovane, filho de Valeriano, oito anos e magrinho, está pousado no alto da goiabeira. Ali, uma forquilha em forma de L lhe dá todo o conforto para sentar-se, contemplar o grande mundo e cantar. Sabe várias canções que os pais ouvem no rádio. O pai gosta de Marlene, a mãe, de Emilinha. Para Gio tanto faz. Grava na cabeça aquelas músicas que cantam histórias de amor. Para falar a verdade, não as entende direito. É tudo uma tristeza só, gente abandonada. Ele não sabe ainda dessas coisas de amor. Ou sabe. Amor pela mãe, amor pelo pai, e nada de abandono.

Lá de cima da árvore ele grita:

– Pai, quer ajuda?

O operário, limpando o suor da testa, faz sinal negativo com a mão.

O menino insiste:

– Ah, pai. Deixa eu ajudar.

Desce com cuidado da árvore.

Vai até a pilha de sarrafos. Apanha um em cada mão e os deposita perto do pai. Este reclama:

– Tu é teimoso, hem, guri. Não disse que não precisa me ajudar? Fica lá no teu canto e me deixa em paz. Atrapalhado como tu és, vai ainda acabar se machucando.

Com orgulho o menino solta:

– Ih, pai. Eu já sou grande. Tenho oito anos, sabia? Não faço mais bobagem.
 O operário dá uma risada irônica:
 – Quê, seu fedelho! Com oito anos tu não passa de um mosquito. Magrinho como tu é, acaba enfiando a ponta de um sarrafo na perna, aí quero ver.
 – Êhh, pai. Acha que eu sou bobo, é?
 Gio vai e volta com a madeira várias vezes.
 Numa dessas viagens, pisa sobre uma lata de leite em pó, abandonada por aí e cai. No ato dá um grito lancinante.
 O pai se vira para ele e pergunta:
 – O que foi, guri?
 O garoto não responde. Mas chora desesperado. Tenta se levantar. Ao fazer isto, percebe que não pode pisar com a perna esquerda.
 – Ai, pai, tá doendo muito.
 Valeriano solta o martelo e os pregos. Vem em direção do menino.
 – O que foi, rapaz?
 Entre lágrimas e soluços, o guri responde:
 – Não sei, tá doendo muito, muito. Não consigo pisar com essa perna.
 O homem franze o cenho. Abaixa-se e puxa a perna do menino que passa a gritar como se o fim do mundo tivesse pulado a cerca e chegado no terreiro.
 – Minha Nossa Senhora!! – diz o operário. – Não vai me dizer que quebrou a perna. Eu sabia. Não te disse para ficar quieto no teu canto?
 Carrega o moleque para a cozinha.
 A mãe, que costurava, veio andando meio apressada, com grande susto no peito.
 – O que aprontou dessa vez?
 – Não sei, mulher. Acho que quebrou a perna. – Põe o menino de pé.
 É a vez da mãe forçar aquela perna meio bamba. Gio grita, soluça, solta os pequenos palavrões que conhece.
 – Vixi!! – resmunga a mãe. – Parece que quebrou mesmo. Pai, vai chamar o médico.

O doutor Chico, médico da família, chega em seu carro velho, com Valeriano ao lado. Entra pela sala. Vai até o quarto onde o guri está deitado e gemendo em alta sintonia.
 – Quê que tá acontecendo, seu fedelho?
 O menino só limpa o ranho do nariz e não diz nada.
 O médico o põe de pé. E faz pressão para baixo na perna esquerda de Gio. Este, não suportando a dor, dá uma forte mordida na careca do doutor que reclama:
 – Ai, que é isto? Além de fingido quer me agredir? Esta perna não está quebrada coisa nenhuma.
 Vai embora.
 Giovane passa a noite dos infernos. Grita. Geme. Estertora. Solta imprecções.
 No dia seguinte, o pai falta no serviço. Leva o menino até o hospital. Fazem raio X. A perna está quebrada. Tíbia partida. Gio não fingia. •



poetria
 livros e arte

Av. Vicente Machado, 865 - Batel
 Curitiba - PR (41) 3046-3036

Lucília Alencastro



Rita de Cassia Moser Alcaraz

O MENINO DE PÉS SEM CALÇOS

Era uma vez um menino que corria com o vento. Quando lhe perguntavam qual era a família a que pertencia, ele dizia que era filho do raio com a chuva. Certo dia, o menino correu, pois queria encontrar um lar e assim visitou diferentes lugares, corria como se seus pés sem calços fossem ganhar asas. Ele passou pelo bosque da solidão, mas a tristeza das árvores deixou só seu coração, e por isso resolveu correr e correr mais. Passou pelas águas claras e salgadas das lágrimas, mas ao olhar o belo lago teve uma imensa vontade de chorar, assim ele decidiu correr mais.

De tanto correr, o menino chegou numa estrada de terra molhada. Gostou de pisar na água marrom que com terra se misturava, e correu, observou as marcas de seus pés e decidiu descansar, sentou-se na beira da estrada, olhou para o céu, ele era claro, mas tinha muitas nuvens, brincou na lama e se pintou de liberdade.

O menino parou no meio da estrada. Do lado direito viu um pequeno bosque de cobertores encantados e do lado esquerdo observou sete meninas brincando em um doce lar, envolvidas

com a manta da saudade. A manta da saudade era encontrada um pouco atrás do caminho escolhido pelo menino. A saudade não tinha hora de chegar e nem avisava quanto tempo ia ficar, deixava o coração apertadinho e nos olhos fazia poças e poças que alimentavam o lago das águas salgadas deixado no caminho.

As meninas se abraçavam naquela manta, mas ela não era coberta, era fina e só saudade elas sentiam. O menino desejou o cobertor, e assim ele atravessou com seus pés sem calços a grama fria que o levava até a árvore de cobertores. O frio lembrou que ele precisava de meias, mas ele manteve seu coração livre e não deixou o frio subir pelos seus pequenos e ágeis pés. Quando chegou à árvore, pensou em como alcançar o cobertor.

Esticou o dedo, a mão, o braço, e nada adiantou, deu um pulo e um cobertor pegou, enrolou-se no cobertor que o abraçou esquentando seus pés e fazendo cócegas na ponta de seu nariz, e olhou as meninas, que curiosas o espiavam do outro lado da estrada. Pulou mais uma vez, duas vezes, várias vezes e, nesses pulos, →

sete cobertores pegou, os cobertores muito coloridos e felpudos o abraçaram – a árvore ficou encantada com tal gesto e seguiu o menino.

Ele atravessou a grama com os cobertores abraçados e protegendo seus pequenos pés. Quando chegou à beira da estrada, o cobertor subiu até o tornozelo e ele pisou na lama que fazia parte da pequena estrada. Andou sem perceber que a árvore o seguia, desejava fazer morada onde as crianças pudessem ser abraçadas pelos cobertores. Foi com aquele menino que ela descobriu que seus frutos podiam servir para algo, antes eles apenas pesavam em seus galhos, pareciam não ter utilidade, mas agora em meio às crianças queria ficar.

Ele chegou ao lar das meninas, que curiosas o observavam, e bateu palmas antes de abrir o portão do lar, chamando: ‘Ô de casa.’ A mulher que saiu para recebê-lo era linda, grande e tinha textura de folha quando chega o outono. O homem ao seu lado era pequeno e forte com braços compridos para que as crianças da casa pudessem sentar naqueles braços amigos. Foi ele quem rapidamente abriu o portão e segurou na mão do menino, pedindo para ele entrar.

A árvore rapidamente entrou e criou raízes ao lado da casa. O menino tímido pediu se podia dar para as meninas os cobertores,

e elas os aceitaram e rapidamente pediram para o casal guardar no baú da memória a manta usada até então.

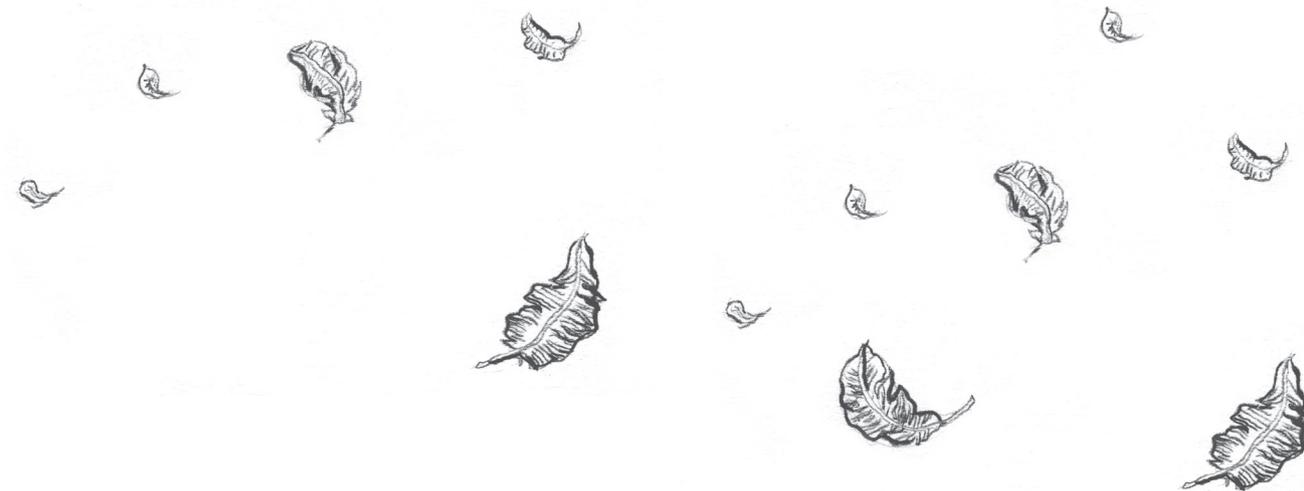
Quando elas receberam os cobertores, eles as abraçaram e coloriram o jardim. Nesse encontro, as meninas já não choraram, não esqueceram de suas mantas guardadas, mas o cobertor as acolhia, era felpudo, fofinho e provocava sorrisos que se acumulavam em gargalhadas.

O menino resolveu morar naquele lar e, como tinha corrido muito, agora havia asas nos seus pés. Ele conseguia voar nas brincadeiras, e o lar já não era só de sete, era de oito. Com o tempo, chegaram muitos outros meninos e meninas que corriam.

E no período de um ano, aquele lar era de muitos meninos e de meninas. Alguns voavam, outros cantavam e todos brincavam de faz de conta. A senhora de textura de folha e o homem de braços fortes e compridos os embalavam na melodia de um cobertor tecido pelo amor, pois todo cobertor quentinho acaba por nos fazer um carinho e inspira sorrisos melodiosos nas vozes de uma, dez, ou mil crianças a brincar, a cantar e gargalhar. •

Creative Time[®]
after school
criando o futuro agora

www.creativetimeafterschool.com
41.3045.9441



Um tempo atrás, uma criança veio me contar que as aspas são as sobrancelhas das palavras, porque dão um toque “especial” na hora de ler um texto em voz alta. Espantei-me, é verdade, e tentei acompanhar o raciocínio.

As palavras com sobrancelhas sempre querem dizer alguma coisa diferente do que elas significam cotidianamente no meio de outras palavras, nas conversas convencionais, no jornalismo impresso, no rádio ou na televisão, nas mensagens que apenas um quer falar demais da conta, mas ninguém escuta... Passei, então, a perceber e a lembrar como as boas frases e estrofes interessantes quando recortadas dos textos são guardadas com habilidade, entre aspas, junto de uma admiração, vamos dizer, assim: especial.

De um momento para outro, um par de aspas pareceu-me valer muito mais que uma aula de literatura – ou poética – porque se fixou em mim com rapidez e simplicidade, e era já três vezes mais que apenas um pequeno sinal gráfico, desses que aborrece alguns e talvez bem pouca gente dê importância. O casal de aspas, de fato, dialoga com voz de uma figura sonora, entre o texto e o leitor, parece uma imagem de sugestivas asas e um conceito perfeito para entender o mundo habitado por pensamentos, sentimentos e tantas outras sutilezas.

Se volto à lição das aspas é porque quero homenagear meu pequeno mestre e as outras crianças, os pais e seus filhos, e todos aqueles professores que abraçaram os filhos que nasceram em outras barrigas, como suas crianças, nesse outubro assim: especial. Também quero voar e ampliar a lição que quase me esquecia em uma teoria, a teoria das aspas rumo à poesia feita para “lavar” a alma, deixar secar ao vento das quatro estações e passar bem todos os dias.

Quero um par de aspas para voar

Peter O’Sagae

Não precisaríamos abrir um livro para encontrar poesia. Ela se achega a nós através dos primeiros acalantos maternos, as cantigas de roda e os brinquedos falados, como adivinhas e parlendas, também nas quadrinhas e nos provérbios. Essa é uma poesia anônima que possui vários autores e sotaques, modos diferentes de ver e compreender o mundo. Porém, haja memória para lembrar tudo o que é ritmo e rima! É muito comum, quando uma palavra escapa, foge ou fica capenga, ter uma pessoa que inventa de colocar uma palavra nova no lugar que se tornou vago. Por isso, as palavras que nascem com o folclore são tão ricas e os textos sempre vêm sendo transformados ao longo do tempo. →



Um quê de poesia até mesmo reside na troça, no chiste e nos trocadilhos improvisados. Em casa, na escola, no trabalho, nas ruas. Também há poesia nas letras de muitas canções infantis e da música popular que entram pelos ouvidos e saem pela boca, quando cantamos.

Um poema dentro de um livro é como uma borboleta. Espera o seu sopro. Não importa se é livro feito por um poeta ou um colecionador de versos populares, como as antologias para reavivar a memória, ou fazer viajar um verso de um ponto para outro do nosso imenso país. Um poema nasce com palavras com vontade para fazer-se voz, como se todos os versos silenciosamente escritos sobre o papel pudessem ter asas. Este é o primeiro apelo que a criança e o adulto devem reconhecer ao abrir um livro de poesia. Ler em voz alta, descobrir os segredos, as sonoridades guardadas: aliterações, rimas, ritmos e melodia, batuques, trinados e sons de ondas cavalgando o mar. Enfim, é preciso você saber se o texto presta ou encrespa.

Entre uma palavra e a próxima, entre um som e resposta que noutro verso ressoa, o leitor deve encontrar as imagens que acendem e apagam, visíveis e invisíveis, preenchendo a sua própria imaginação. Muitos objetos, paisagens e seres

podem parecer fumaça, pintura, ter movimento e cor. Se nada ele vê, o poema que lê certamente é nada.

Então, do som presente à ilusão das coisas claras aos olhos da mente, o bom poema desperta sensações – evoca sentimentos – provoca o riso: fácil, infalível e intelectual. Porque conversa com o pequeno e o grande leitor, conduzindo-os a novos modos de aprender a perceber e pensar a vida, os valores e as verdades múltiplas que se abeiram da razão. Um poema – já disseram muitos poetas – é um convite para a conversa consigo mesmo e com o próximo. Sendo um texto tão enxuto, caberá entre dois dedos de prosa, no intervalo dos assuntos sérios e graves, no caminho daqui até ali. Muitas vezes, quando vou e volto, chego com uma mão cheia de nada e a outra com coisa nenhuma, tento lembrar como era bom ter um bocado de poesia a mais para me fazer companhia: um copo de água e a alma no corpo, sentindo o significado de permanecer “vivo” – que um poema para crianças jamais termine com a última palavra do último verso da última ou única estrofe. Esteja aberto para o futuro, com as suas sobranças dobrando com humor, surpresa e alegria. ●



MERCADOLIVROS®

Ler é divertido

(41) 3045-9441

www.mercadolivros.net.br

Se fosse um navio
– que o vento embala
e as ondas chacoalham –
teria âncora para pouso
velas para ousar
e lastro para equilibrar
a altitude do mastro

Se fosse uma árvore
contida na semente
teria impulso, plano, meta,
concretizando o anseio por luz
– enquanto a raiz alimenta

Se fosse o João-bobo
seria divertido:
feito de terra e de vento
com forma por continente
teria alegria no tombo
e no retorno
– e a certeza que, por mais que caísse,
jamais permaneceria caído

Se fosse o que sou!

Priscila Prado



Hoje, do que você brincaria?

Célia Cris Silva

Eu brincaria de ser. De ser o que eu quisesse: gente grande, gente pequena, feiticeira, gigante, astronauta, princesa, cientista, fada, cantora, rainha, bruxa, atriz...
Eu brincaria de ser o que me deixasse feliz!

Almir Correia

Eu brincaria de muita coisa, mas gosto mesmo é de brincar de sonhar.

Nara Salamunes

Brinquei de roda
e de casinha
de esconde-esconde
e passa-anel
Brinquei de Susi
de Amiguinha
Valentina
e carrossel
Brinquei de pandorga
de soldado
de artista
e barquinho de papel
Brinquei de bola
de escolinha
lenço-atrás
e bilboquê
Brinquei de pião
de amarelinha
de botão
e de xadrez

Brinquei de gude
de Mãe-pegã
Pingue-pongue
e língua do pê
Brinquei de polícia
de ladrão
de triciclo
e rolimã
Brinquei de corda
de massinha
de barro
e balão
Brinquei de fantasia
de bandinha
de fantasma
e heroína
Hoje brinco de balanço
de encontro em portais
De descobrir avatares
e verdades virtuais

Gloria Kirinus

Ah, eu brincaria de equilibrista! Uma corda amarrada no degrau da escada e a outra ponta, bem segura, na árvore mais próxima. Sem sapatos, para firmar melhor o peso. Sem meias, para não escorregar. E, depois – Senhoras e senhores, o espetáculo vai começar, no melhor circo do mundo! Como número especial, a equilibrista “Glorita”, sem meias e sem sapatos e com apenas uma escada e uma árvore imaginária, apresentará seu melhor repertório de saltos e quedas na corda invisível dos, dos, dos melhores aplausos...

Marilza Conceição

Se por meio de um encantamento, eu pudesse voltar ao meu quintal da infância, brincaria de avião nos galhos da pereira, tendo o gato Miti-Miti como companheiro. Depois visitaria os livros infantojuvenis de todos os autores do mundo, porque é o universo mais bonito que alguém pode conhecer. E passaria as manhãs fotografando flores, nuvens e mar.
Desde que fiquei adulta, perdi o costume de subir em árvores para brincar de avião, mas ainda adoro sorvetes de todas as cores e sabores.

Maria Carolina Pereira Jorge

Eu brincaria com as minhas AUmiguinhas!!!

Gustavo Vazquez Ramos

Brinco todo dias com meus gatos, que mesmo tendo mais de 10 anos ainda não criaram juízo e são uns bebês!

Lucília Alencastro

Eu convidaria algumas colegas pra brincar de rodar. Depois, quando a gente deitasse na grama ia ver tudo girando, girando, sem parar!

Priscila Prado

Ainda gosto das brincadeiras de que gostava quando era bem pequenininha:
pique-esconde, pular corda, teatrinho, casinha,...
Gostava também de brincar sozinha:
de boneca, panelinha, pião, carrinho, fazendinha,...
Mas agora, agorinha mesmo,
se ainda estiver em tempo,
quero brincar de amarelinha!

Raquel Macedo Mestre

No meu todo dia, com netos pequenos, estou sempre brincando do que eles decidirem. E, como toda a avó, perco nas brincadeiras. Mas, pensando bem, hoje eu gostaria de jogar, novamente, pingue-pongue. Quem quer enfrentar-me?

Eve Ferretti

Pega-pega
e ficar com o avô
não deixa de ser brincadeira também!

Paulo Venturelli

Hoje eu brincaria de banho no riacho. Enfiar o pé na lama. Fazer guerra de bolotas entre a minha turma e a turma do meu irmão. A gente se besuntando todo de lama. Ficando como um seres primitivos. Depois de irreconhecíveis de tanta sujeira, subir um pouco o riacho, acabar com a guerra e se banhar nas águas cristalinas, sorvendo a vida pela pele, gritando como o primeiro menino que chegou na Terra e descobriu suas maravilhas.

Rita de Cassia Moser Alcaraz

Fui brincar com a brincadeira e ela me ensinou: corri, ela me pegou; escondi, ela me achou; assoprei ela, estourou; assoprei de novo e a bolha flutuou, parou nos pés da menina, que gol gritou!

Márcia Széliga

Eu convidaria algumas colegas pra brincar de rodar. Depois, quando a gente deitasse na grama, ia ver tudo girando, girando, sem parar!



Marcus Matumoto

Hardy Guedes

A PELADA

Qualquer campinho de terra,
barro, cimento ou areia,
pra quem tem sede de bola,
é gramado de primeira.

É onde a bola rola,
pula, quica, serpenteia...
É onde a todos encanta.
É onde dança ligeira.

É onde cresce o sonho
que embala todo menino:
ser titular do seu time,
ser um craque-bailarino...

E – quem sabe? – um belo dia
viver seu momento de glória:
num dia de estádio cheio,
fazer o gol da vitória!

(do livro *O Bailado Esportivo*, Editora Prumo, 2009)